

Mudanças Recentes na Fecundidade Adolescente no Brasil: a Associação com a Escolaridade Continua a Mesma?

Paulo Henrique Viegas Martins¹

Ana Paula de Andrade Verona²

Este estudo analisa a associação entre fecundidade adolescente (15 a 19 anos) e escolaridade no Brasil em um contexto de mudanças da fecundidade deste grupo de idade. Para estimação da chance de ser mãe na adolescência utilizou-se um modelo de regressão logística. Os principais resultados sugerem que houve aumento das chances de ser mãe para adolescentes com 4 a 8 anos de estudo. Concluiu-se que houve aumento das diferenças de fecundidade segundo escolaridade, quando se compara as adolescentes com 4 a 8 anos de estudo com aquelas com 9 anos ou mais de escolaridade.

Palavras-chave: Fecundidade; Adolescente; Educação.

Área temática: Demografia

¹ Doutorando em Demografia pelo Cedeplar/UFMG

² Professora adjunta de demografia do Cedeplar/UFMG

Mudanças Recentes na Fecundidade Adolescente no Brasil: a Associação com a Escolaridade Contínua a Mesma?

INTRODUÇÃO

Desde o início da transição da fecundidade brasileira nota-se que as adolescentes têm um comportamento diferente dos demais grupos de idade. Enquanto a fecundidade das mulheres dos grupos etários mais velhos diminuía substancialmente no país, a taxa específica das adolescentes (medida no grupo de 15 a 19 anos) variava pouco e apresentava, em alguns momentos, trajetória crescente. Este fenômeno já foi previamente investigado e ajuda a explicar o conhecido processo de rejuvenescimento da estrutura etária da fecundidade no Brasil (Berquó e Cavenaghi, 2005; 2014).

Ao longo das últimas décadas, as adolescentes brasileiras apresentaram grandes diferenciais em sua fecundidade quando esta componente era analisada segundo grupos socioeconômicos, principalmente segundo escolaridade. Adolescentes menos escolarizadas frequentemente exibem maior risco de serem mães do que adolescentes com escolaridade alta (ou sem defasagem escolar). Estes diferenciais apresentavam até recentemente aumento continuado, evidenciando uma situação cada vez menos favorável entre aquelas que não alcançam nível adequado de escolaridade.

A partir dos anos 2000, duas importantes e, provavelmente, relacionadas mudanças chamaram a atenção ao se analisar o contexto da fecundidade e da escolaridade no Brasil. A primeira mudança se refere à fecundidade das adolescentes. Entre 2000 e 2010 as taxas específicas de fecundidade das mulheres de 15 a 19 anos finalmente declinaram, e em um volume bastante expressivo. A segunda se refere a um amplo aumento da cobertura escolar no Brasil, principalmente no ensino fundamental.

Considerando estas duas mudanças, este artigo examina se a relação entre educação e fecundidade adolescente, controlada por outras variáveis socioeconômicas, mudou no Brasil entre 1991 e 2010. Mais especificadamente, o objetivo deste artigo é comparar os diferenciais da fecundidade adolescente segundo escolaridade, observados em 1991, 2000 e 2010. A escolha destes três anos é explicada especialmente pela trajetória da fecundidade entre as adolescentes, que apresentou crescimento entre 1991 e 2000, e em seguida declínio entre 2000 e 2010.

Os Censos Demográficos do Brasil de 1991, 2000 e 2010 serão utilizados neste trabalho. Essas bases de dados foram obtidas no IPUMS – Internacional, que organiza os dados de forma que sejam comparados tanto entre países como entre décadas diferentes.

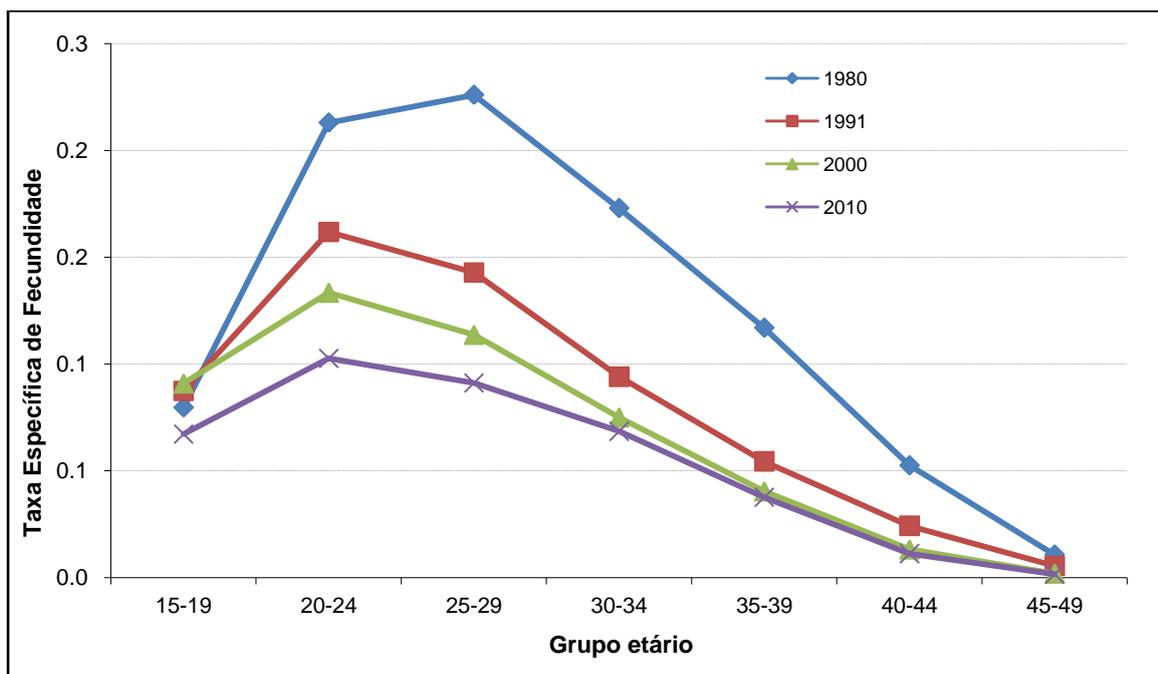
DECLÍNIO DA FECUNDIDADE NO BRASIL

O Brasil vivenciou intensas mudanças nos níveis e na estrutura da fecundidade desde a metade da década de 1960, quando se iniciou o declínio da fecundidade no país. Quando tais mudanças começaram a Taxa de Fecundidade Total (TFT) era de 6,3 filhos por mulher e caiu rapidamente para uma média de 2,4 filhos por mulher em 2000 (GUPTA e LEITE, 1999; CARVALHO e BRITO, 2005; BERQUÓ e CAVENAGHI, 2004; 2005; CAETANO, 2004). Em meados da década de 2000, a fecundidade chegou a um nível abaixo da reposição e, em 2010, registrou 1,9 filhos por mulher (MIRANDA-RIBEIRO e GARCIA, 2012; CAVENAGHI e BERQUÓ, 2014; BERQUÓ e CAVENAGHI, 2014; CAVENAGHI e ALVES, 2012).

A transição da fecundidade brasileira foi muito rápida devido a fortes quedas dos níveis da fecundidade. Esse intenso declínio modificou os padrões de fecundidade de todos os grupos etários (CAVENAGHI e ALVES, 2009). O Gráfico 1 apresenta as Taxas Específicas de Fecundidade (TEF) e Taxas de Fecundidade Total (TFT) entre 1980 e 2010. Este gráfico mostra as mudanças observadas ao longo de quatro décadas de transformações da estrutura e no nível da fecundidade brasileira. Nos grupos etários mais velhos o declínio é maior entre 1980 e 1991, seguido de declínios menos intensos nas décadas posteriores, enquanto que a fecundidade das adolescentes apresenta nas primeiras duas décadas uma ligeira elevação da TEF e, apenas entre 2000 e 2010 apresenta um declínio.

O declínio da TFT também foi muito intenso nas últimas quatro décadas. A Tabela 1 apresenta as Taxas Específicas de Fecundidade (TEF) e Taxas de Fecundidade Total (TFT) entre 1980 e 2010. Essas informações demonstram que houve grande declínio da fecundidade a partir de 1980, quando se registrou uma TFT de 4,4 filhos por mulher. Em apenas uma década a TFT caiu para 2,9 filhos por mulher e, no início do século XXI, as mulheres já apresentavam uma taxa de fecundidade muito próxima ao nível de reposição da população.

GRÁFICO 1 - Taxa Específica de Fecundidade no Brasil corrigida pelo método P/F de Brass. Brasil - 1980, 1991, 2000 e 2010.



Fonte: Censos Demográficos de 1980, 1991, 2000 e 2010.

Ao longo desse processo de queda dos níveis da fecundidade brasileira, a estrutura da fecundidade também sofreu grandes mudanças. O declínio da TEF, pelo menos inicialmente, foi muito maior para as mulheres nos grupos etários mais velhos. A TEF das mulheres entre 35 e 39 anos que era de 117 nascimentos a cada mil mulheres deste grupo de idade em 1980 caiu para 40 nascimentos a cada mil mulheres no início do século XXI. Essa intensa queda também foi observada nos grupos etários mais velhos. A TEF das mulheres de 40 a 44 anos passou de 52 para 13 nascimentos a cada mil mulheres deste grupo de idade entre 1980 e 2000 e, no mesmo período, a TEF das mulheres de 45 a 49 anos passou de 10 para apenas 2 nascimentos a cada mil mulheres.

Entretanto, nesse período, o declínio da fecundidade entre os grupos etários mais velhos não foi observado entre as adolescentes. Esse grupo etário apresentou períodos de aumento em sua TEF entre 1980 e 2000, enquanto as TEF das mulheres mais velhas já estavam em intenso declínio, o que levou a uma constante concentração da fecundidade nas idades mais jovens, retratando o chamado rejuvenescimento da fecundidade (GUPTA e LEITE, 1999; BERQUÓ e CAVENAGHI, 2004; 2005; BARBOSA, 2008; ALVES e CAVENAGHI, 2009; CAVENAGHI e ALVES, 2009; 2011; 2012; RIOS-NETO, 2005).

Dessa forma, até os anos 2000 a transição brasileira foi marcada pela concentração da fecundidade em idades mais jovens e não pela postergação do nascimento do primeiro filho e aumento de intervalos entre o nascimento de cada filho, como ocorreu na maioria dos países desenvolvidos (BERQUÓ e CAVENAGHI, 2004; 2005; ALVES e CAVENAGHI, 2009; CAVENAGHI e ALVES, 2009; 2011; WONG, 2009).

TABELA 1 - Taxa Específica de Fecundidade e Taxa de Fecundidade Total. Brasil 1980, 1991, 2000 e 2010.

Idade	1980	1991	2000	2010
15-19	0,0797	0,0874	0,0910	0,0672
20-24	0,2130	0,1618	0,1335	0,1026
25-29	0,2260	0,1429	0,1138	0,0911
30-34	0,1730	0,0941	0,0751	0,0685
35-39	0,1170	0,0545	0,0405	0,0377
40-44	0,0526	0,0243	0,0133	0,0113
45-49	0,0108	0,0056	0,0020	0,0017
TFT	4,4	2,9	2,3	1,9

Fonte: Censo Demográfico de 1980, 1991, 2000 e 2010.

A Tabela 2 apresenta a contribuição de cada um dos grupos etários para a TFT entre 1980 e 2010. Nas duas primeiras décadas estudadas (1980 e 2000) nota-se que as mulheres entre 15 e 24 aumentaram sua contribuição para a fecundidade, que passou de 36,5% para 47,9%. Já em 2010 essa contribuição passou a ser de 44,7%. Como esperado, entre mulheres em idades mais avançadas do período reprodutivo (30 a 49 anos) observou-se o contrário, isto é, as TEF dessas mulheres diminuíram seu peso relativo para a TFT entre 1980 e 2000, mas aumentaram sua participação para a construção dessa taxa entre 2000 e 2010. Em todos os anos observa-se que a fecundidade total recebe maior contribuição proporcional das mulheres entre 20 e 29 anos, as quais representam mais de 50% da TFT.

Como reportado na Tabela 1, a TEF do grupo de 15 a 19 anos passou de 80 nascimentos em 1980 para 91 nascimentos para cada mil mulheres em 2000. Certamente, o peso relativo das TEF desse grupo em relação à TFT também aumentou no mesmo período, passando de 9,1% em 1980 para de 19,4% em 2000 (Tabela 2). Esta participação é muito expressiva quando comparada com a de outras regiões do mundo, o que chama bastante atenção para estudos sobre causas e consequências da alta fecundidade desse grupo etário no Brasil (CAVENAGHI e ALVES, 2011; BERQUÓ e CAVENAGHI, 2004; BARBOSA, 2008; UNITED NATIONS, 2013).

TABELA 2 - Contribuição relativa de cada grupo etário para a TFT em 1980, 1991, 2000 e 2010.

Idade	1980	1991	2000	2010
15-19	9,1	15,3	19,4	17,7
20-24	24,4	28,4	28,5	27,0
25-29	25,9	25,0	24,3	24,0
30-34	19,8	16,5	16,0	18,0
35-39	13,4	9,6	8,6	9,9
40-44	6,0	4,3	2,8	3,0
45-49	1,2	1,0	0,4	0,4
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Censo Demográfico de 1980, 1991, 2000 e 2010.

Esses aumentos das TEF das adolescentes representaram ganhos de 18% em apenas duas décadas (1980 e 2000), o que chamou a atenção de vários demógrafos (por exemplo, RODRÍGUEZ-VIGNOLI e CAVENAGHI, 2014). Isso novamente reflete o fato de a fecundidade das mulheres e 15 a 19 anos seguirem um caminho diferente daquele experimentado pelos outros grupos etários e pela fecundidade total brasileira (BERQUÓ e CAVENAGHI, 2005).

Entretanto, na última década notou-se uma mudança na fecundidade adolescente, pois se observou uma queda das suas taxas entre 2000 e 2010. As análises do Censo Demográfico de 2010 demonstraram que a fecundidade adolescente declinou, passando de 91 nascimentos em 2000 para 67 nascimentos a cada mil adolescentes, representando uma queda de 18% em apenas 10 anos. Nesta década, o peso da fecundidade desse grupo etário passou de 19,4% da fecundidade total em 2000 para 17,7% da TFT em 2010 (CAVENAGHI e BERQUÓ, 2014; CAVENAGHI e ALVES, 2012).

As mudanças no peso relativo de cada grupo etário mostram que o rejuvenescimento da fecundidade, que se observou nas décadas anteriores, não está ocorrendo mais no Brasil (CAVENAGHI e BERQUÓ, 2014; CAVENAGHI e ALVES, 2012). Na verdade, alguns autores já sugerem sinais de postergação da fecundidade brasileira (CAVENAGHI e BERQUÓ, 2014; CAVENAGHI e ALVES, 2012). Apesar disso, é importante lembrar que com o declínio da fecundidade das mulheres de 15 a 19 anos na última década, a fecundidade entre elas é ainda elevada e o padrão da fecundidade brasileira ainda é jovem quando comparado com outros países desenvolvidos e em desenvolvimento (CAVENAGHI e ALVES, 2012).

Outra forma de analisar as mudanças ocorridas na estrutura da fecundidade nas últimas décadas é estudar as variações percentuais da TEF em cada grupo etário ao longo do tempo. A Tabela 3 apresenta a variação percentual das TEF no Brasil para as décadas analisadas entre 1980 e 2010. Três tendências do comportamento etário da fecundidade podem ser observadas na Tabela 3. Primeiro, uma tendência de continuidade do declínio da fecundidade ao longo dos anos para os grupos de 20 a 24 e 25 a 29 anos. Segundo, uma diminuição da fecundidade gradual e constante para as mulheres dos grupos etários acima de 30 anos. Terceiro, uma tendência de aumento entre 1980 e 2000 para as adolescentes, seguido de um forte declínio entre 2000 e 2010. Por fim, nota-se que para os grupos etários a partir de 20 anos as maiores quedas ocorreram entre 1980 e 1991, enquanto o declínio para a fecundidade das adolescentes só ocorreu entre 2000 e 2010.

TABELA 3 - Variação percentual das Taxa Específica de Fecundidade no Brasil em 1980, 1991, 2000 e 2010.

Idade	1980 - 1991	1991 - 2000	2000 - 2010
15-19	9,66	4,12	-26,15
20-24	-24,04	-17,49	-23,15
25-29	-36,77	-20,36	-19,95
30-34	-45,61	-20,19	-8,79
35-39	-53,42	-25,69	-6,91
40-44	-53,80	-45,27	-15,04
45-49	-48,15	-64,29	-15,00
TFT	-34,57	-17,77	-18,99

Fonte: Censo Demográfico de 1980, 1991, 2000 e 2010.

OS DIFERENCIAIS DE FECUNDIDADE DAS MULHERES DE 15 A 19 ANOS

A TEF do grupo etário entre 15 e 19 anos, a qual representa a taxa de fecundidade adolescente, é medida pelo número anual de nascimentos de mulheres desse grupo de idade por mil mulheres. Esse indicador pode ser considerado alto quando o número nascimentos por mil mulheres entre 15 e 19 anos for maior que 80; intermediário quando estão entre 19 e 80 nascimentos para cada mil mulheres; e baixa quando há menos de 19 nascimentos para cada mil mulheres desse grupo etário (UNITED NATIONS, 2013).

A TEF das adolescentes em 2010 a nível mundial era de 49 nascimentos para cada 1000 mulheres. Dentre as regiões do mundo, a América Latina e Caribe registraram uma média de 73 nascimentos para cada 1000 mulheres, menos apenas que a África, com 104 nascimentos para cada mil mulheres do mesmo grupo etário. Na América do Sul, no mesmo período, a TEF daquelas com idade entre 15 e 19 anos estava em 73 nascimentos para cada mil mulheres (UNITED NATIONS, 2013).

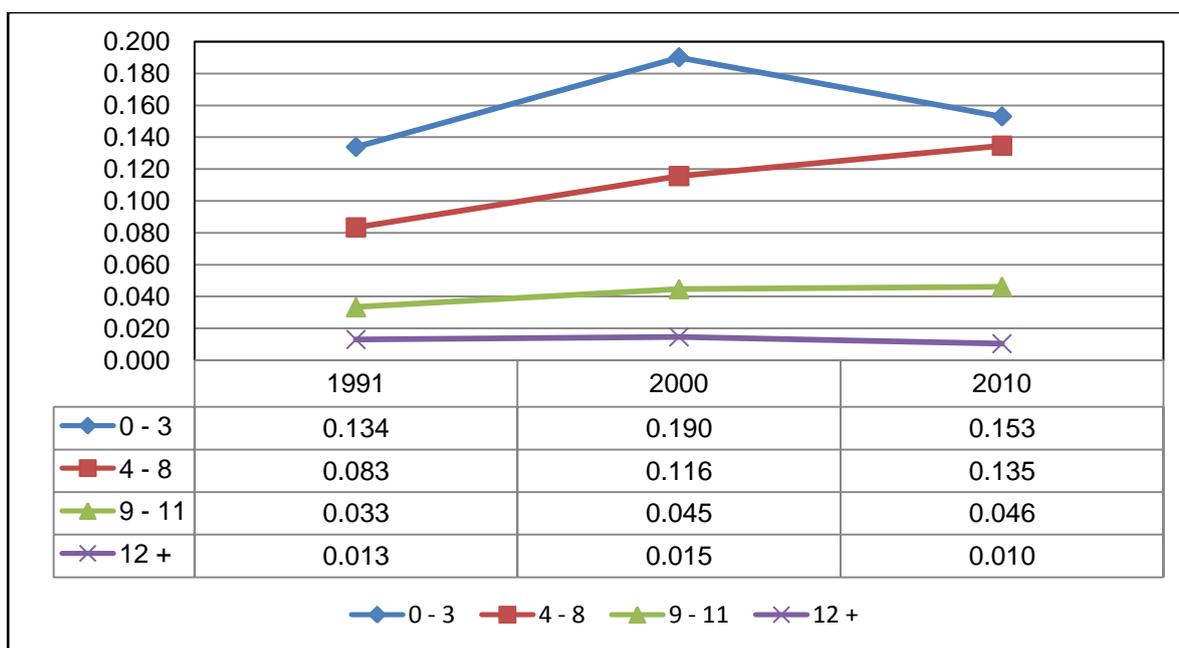
A fecundidade das mulheres de 15 a 19 anos no Brasil era de 93 nascimentos para cada mil mulheres desse grupo etário em 1991. Esta taxa apresentou uma queda para 71 em 2010. Entretanto, deve-se relatar que apesar do declínio verificado nessas décadas, a fecundidade adolescente brasileiras é relativamente alta, se comparada com outros países que já estão em níveis abaixo da reposição (RODRÍGUEZ-VIGNOLI e CAVENAGHI, 2013; CAVENAGHI e BERQUÓ, 2014).

A fecundidade das adolescentes passou por muitas transformações nas últimas décadas e ainda permanecem muitos diferenciais socioeconômicos. Durante muito tempo a fecundidade desse grupo etário foi marcada por altas taxa para os grupos socioeconômicos menos favorecidos (CAVENAGHI e ALVES, 2012), levando a importantes desigualdades econômicas e sociais para aquelas que têm filhos nessa idade (MIRANDA-RIBEIRO et al., 2009; CAVENAGHI e ALVES, 2012).

As desigualdades de comportamento reprodutivo por níveis de escolaridade também podem ser observados especificamente para o grupo de mulheres de 15 a 19 anos. A escolaridade é um dos principais fatores associados às chances da mulher tornar-se mãe ainda na adolescência e historicamente apresenta uma relação inversa com a fecundidade (GUPTA e LEITE, 1999; BERQUÓ e CAVENAGHI, 2005; ALVES e CAVENAGHI, 2009).

O Gráfico 3 apresenta as TEFdas adolescentes no Brasil por grupos de escolaridade em 1991, 2000 e 2010. Em 2000 a TEF das mulheres de 15 a 19 anos representava 93 nascimentos para cada mil mulheres neste grupo de idade. Aquelas do mesmo grupo etário com até três anos de estudo tinham 190 filhos a cada mil mulheres. Essa taxa é muito superior àquelas de 4 a 8 anos e três vezes maior que a registrada para o grupo de 9 a 11 anos de estudo, os quais registraram respectivamente 116 e 45 nascimentos para cada mil mulheres desse grupo etário. Por fim, as mulheres com 12 anos ou mais de escolaridade apresentaram uma TEF de 15 nascimentos a cada mil mulheres, isto é, mais de 10 vezes menor que a das menos escolarizadas.

GRÁFICO 3 - Taxa Específica de Fecundidade segundo escolaridade no Brasil em 1991, 2000 e 2010.



Fonte: Censo Demográfico de 1991, 2000 e 2010; Cavenaghi e Berquó (2014a). Nota: Taxas corrigidas por P/F de Brass.

Em 2010 as mulheres de 15 a 19 anos com até 3 anos de escolaridade apresentavam 153 nascimentos a cada mil mulheres, enquanto que aquelas de 4 a 8 anos de escolaridade tiveram uma média de 135 nascimentos a cada mil mulheres. Esses valores são mais de 3 vezes maior que aquela TEF experimentada pelas adolescentes de 9 a 11 anos de escolaridade e mais de 10 vezes maior que a TEF das adolescentes com mais de 12 anos de escolaridade (Gráfico 3).

As adolescentes com até 3 anos de escolaridade aumentaram sua TEF entre 1991 e 2000 e apresentaram forte queda na década seguinte. O grupo de 4 a 8 anos de escolaridade apresentou crescimento nos dois períodos analisados, enquanto aquelas de 9 a 11 e 12 anos ou mais de escolaridade permaneceram com valores muito semelhantes durante as três décadas. Portanto, as principais mudanças ocorridas nestas últimas três décadas foram relacionadas aos grupos menos escolaridade da população adolescente (Gráfico 3).

A contribuição das adolescentes menos escolarizadas para a TEF foi muito importante ao longo desse período de mudança da fecundidade. A Tabela 4 apresenta a

contribuição relativa de cada grupo de escolaridade entre as mulheres de 15 a 19 anos em 1991, 2000 e 2010. Em 1991 as adolescentes menos escolarizadas (0 a 3 anos de estudo) representavam 51% dos nascimentos de 15 a 19 anos e em 2010 esse valor caiu para 44,5%. Enquanto o grupo menos escolarizado diminuiu a contribuição relativa, tanto as adolescentes de 4 a 8, quanto aquelas de 9 a 11 anos de escolaridade aumentaram sua contribuição no mesmo período.

TABELA 4 - Contribuição relativa de cada grupo de escolaridade entre as mulheres de 15 a 19 anos em 1991, 2000 e 2010.

Idade	1991	2000	2010
0 - 3	50,8	52,1	44,5
4 - 8	31,6	31,7	39,1
9 - 11	12,7	12,2	13,4
12 +	4,9	4,0	3,0
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Censos Demográficos de 1991, 2000 e 2010.

Uma importante diferença a ser analisada quando se trata da fecundidade é o uso de contracepção entre as mulheres. Isso porque esse é o principal determinante da fecundidade brasileira. A Tabela 5 apresenta a proporção de mulheres que já tinham iniciado a vida sexual e que usavam algum método anticoncepcional no momento da pesquisa segundo a idade da mulher em 1996 e 2006. As maiores mudanças percentuais foram registradas para os grupos de 15 a 19, 20 a 24 e 40 a 44 anos. Além disso, a variação percentual para a maioria dos grupos etários não ultrapassou os 10% entre os dois anos estudados.

TABELA 5 - Mulheres que já tinham iniciado a vida sexual e que usavam algum método anticoncepcional no momento da pesquisa, segundo idade da mulher, Brasil, 1996 e 2006.

Grupos de Idade	1996	N	2006	n	Variação % entre 1996 e 2006
15 a 19	44,9%	2.537	64,7%	2.488	44,1%
20 a 24	59,7%	1.991	75,0%	2.508	25,6%
25 a 29	71,8%	1.955	76,8%	2.435	7,0%
30 a 34	78,2%	1.869	80,7%	2.301	3,2%
35 a 39	78,5%	1.713	81,2%	2.099	3,4%
40 a 44	73,5%	1.400	80,7%	1.975	9,8%
45 a 49	64,1%	1.147	67,4%	1.769	5,1%
Total	69,6%	12.612	75,9%	15.575	9,1%

Fonte: PNDS 1996 e 2006

Ao analisar a Tabela 5 percebe-se que apesar de todos os grupos apresentarem aumento do uso de contracepção no período, o grupo de 15 a 19 anos chama muita atenção devido à grande variação entre os dois anos estudados. Isso porque houve uma mudança muito importante na proporção de adolescentes usando métodos de contracepção dentre aquelas que já tinham iniciado a vida sexual no período analisado. As adolescentes que

usavam algum tipo de contracepção representavam uma proporção de 44,9% em 1996 e em 2006 essa proporção aumentou para 64,7%. Em apenas uma década a proporção das que usavam algum tipo de contracepção aumentou 44,1%, sendo o maior aumento dentre os grupos de idade analisados.

METODOLOGIA

Neste estudo utilizam-se as bases de dados dos Censos Demográficos do Brasil dos anos de 1991, 2000 e 2010. A coleta das informações presentes nessa base é realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). As bases de dados dos censos utilizados neste trabalho foram disponibilizadas e obtidas pelo projeto IPUMS – Internacional. Esses dados são do questionário ampliado que é aplicado apenas a uma parte da população, isto é, uma amostra e não o seu universo.

A utilização do Censo neste trabalho deve-se ao fato de que os registros de nascimentos brasileiros ainda não têm cobertura total e a qualidade requerida para análise dos diferenciais de educação na fecundidade. Assim, o mais recomendável é a utilização do Censo Demográfico para realização das estimativas de fecundidade por grupos de anos de estudo.

As principais informações utilizadas da base de dados dos Censos analisados se referem à fecundidade e escolaridade feminina. Todos os bancos de dados dos Censos de 1991, 2000 e 2010 possuíam as variáveis necessárias para a realização do estudo. O banco utilizado para 1991 compreendeu 435.157 casos de mulheres de 15 a 19 anos, enquanto o banco de dados para análise do Censo de 2000 apresentou 530.924 mulheres adolescentes. Por fim, a base de dados do Censo de 2010 foi composta por 435.215 mulheres entre 15 e 19 anos.

As principais variáveis deste estudo são fecundidade e escolaridade feminina. A questão sobre fecundidade questiona as mulheres sobre a data de nascimento do último filho nascido vivo no domicílio, referindo-se à fecundidade corrente. Como essa informação pode ser encontrada nos Censos de 1991, 2000 e 2010, é possível realizar o estudo com dados das três pesquisas.

As variáveis para estudo das questões relacionadas à fecundidade estão disponíveis diretamente na base de dados dos Censos Demográfico. A variável que indica a existência de filhos nascidos vivos nos últimos 12 meses (fecundidade corrente) é obtida por meio da questão sobre data de nascimento do último filho nascido vivo, a qual também informa o sexo deste nascido vivo. Essa variável recebeu o valor igual a 1, caso a mulher tenha tido filhos nascidos vivos nos últimos 12 meses anteriores ao censo, e valor igual a 0 caso não tenha tido filho nascido vivo no mesmo período.

Em relação à variável de Educação, utiliza-se neste estudo a variável para identificação de categorias educacionais. Deve-se mencionar que o Censo Demográfico de 2010 não permite o cálculo do número de anos de estudo diretamente. Essa impossibilidade se deve ao fato de que somente foi questionado o último grau e a série concluídos para aquelas mulheres que frequentavam a escola no momento do Censo. Portanto, não há informações, para aquelas que no momento da entrevista não frequentavam a escola na data do censo (CAVENAGHI e BERQUÓ, 2014). Para resolver essa situação pode-se utilizar uma *proxy* que permite que os dados do Censo de 2010 sejam comparáveis com o Censo de 2000.

Um algoritmo proposto inicialmente pela Fundação João Pinheiro, possibilitou a geração de novas categorias de grupos educacionais, as quais são coerentes para realizar as comparações nos três censos analisados (CAVENAGHI e ALVES, 2014). Deve-se ressaltar que não é possível estimar anos de estudo por anos simples por meio da variável de grupos de instrução gerada pelo IBGE (2013), uma vez que suas categorias não possibilitam a realização de uma comparação coerente dos indicadores de fecundidade nos três Censos estudados.

Dividiu-se a amostra em três grupos educacionais. O primeiro grupo apresenta as mulheres com 0 a 3 anos de escolaridade, o qual se constitui de adolescentes sem instrução até primário incompleto. O segundo grupo é composto de mulheres de 4 a 8 anos de escolaridade, ou seja, inclui mulheres com ensino fundamental incompleto e completo. O terceiro grupo é composto por aquelas que têm nove anos ou mais de escolaridade, ou seja, com ensino médio completo ou incompleto e curso superior completo ou incompleto. Este grupo de 9 anos ou mais de escolaridade foi assim dividido porque as adolescentes com 12 anos ou mais de escolaridade, a qual seria representado pelas adolescentes que já tinham concluído o ensino médio ou frequentam curso superior, representam uma proporção muito pequena dentre as mulheres de 15 a 19 anos de idade. Além disso, adolescentes com 17 anos ou menos não estariam expostas ao risco de concluírem o ensino médio ou de entrarem na universidade.

O modelo de regressão logístico binário foi empregado nesse estudo para tentar conhecer quais são as chances da adolescente ter filho nos últimos doze meses antes da data de referência do Censo, dado suas características socioeconômicas. Neste trabalho o modelo considerou como variável dependente o fato de ter tido ou não filho nascido vivo nos últimos doze meses anteriores ao Censo. Dessa forma, foi adicionado valor zero caso a mulher não tenha tido filho no ano anterior à pesquisa e valor igual a 1, no caso de ela ter tido filho neste período e valor igual a 0, caso contrário.

Além disso, seis variáveis independentes foram utilizadas na aplicação do modelo: idade, renda, religião, região, raça/cor e local de residência. A escolha dessas variáveis deu-se com base na revisão da literatura sobre os fatores que podem determinar a fecundidade adolescente.

RESULTADOS

O modelo de regressão logística (binomial) teve como propósito estimar a associação entre escolaridade e a chance de ter filho no último ano, controlando por outras variáveis demográficas e socioeconômicas. Como relatado, a variável dependente desse modelo é se a mulher teve ou não filho no ano anterior ao Censo. Junto com a principal variável independente, a escolaridade, foram adicionada também as seguintes variáveis: cor/raça, local de residência (urbano e rural), idade da mulher na data do Censo, região do domicílio, religião, situação conjugal (alguma vez viveu com cônjuge e nunca viveu com cônjuge), renda total do domicílio per capita.

A Tabela 6 apresenta os resultados do ajuste do modelo para fecundidade corrente para os três Censos analisados. As categorias de referência são aquelas em negrito e sublinhado. A informação mais importante a ser analisada neste modelo são as razões de chance (odds ratio) porque seu valor indica como as variáveis independentes estão associadas com a variável dependente (resposta). Neste caso devem-se comparar as categorias das variáveis com aquelas de referência para cada variável. A maioria dos resultados foi consistente em relação aos esperados para as associações analisadas.

Tabela 6 - Razão de chance de ter tido filho nascido vivo nos últimos 12 meses entre 15 e 19 anos de idade, segundo variáveis independentes. Brasil 1991, 2000 e 2010.

Variáveis/Categorias	Ajustes do modelo		
	1991	2000	2010
Escolaridade			
0 a 3 anos	3,185***	3,384***	2,450***
4 a 8 anos	2,372***	2,465***	2,992***
9 anos ou mais	1,000	1,000	1,000
Local de residência			
Urbano	1,224***	1,170***	1,101***
Rural	1,000	1,000	1,000
Raça/Cor			
Preta	0,745***	0,887***	0,969
Parda	0,871***	0,940***	1,097***
Outras raças	0,811**	0,978	1,241***
Branca	1,000	1,000	1,000
Idade			
15	0,0975***	0,123***	0,141***
16	0,241***	0,297***	0,356***
17	0,468***	0,545***	0,584***
18	0,739***	0,767***	0,810***
19	1,000	1,000	1,000
Religião			
Evangélicos de missão	0,781***	0,788***	0,862**
Pentecostal	0,926**	0,946**	1,039
IURD	1,149	0,907	0,981
Evangélicos sem denominação	0,757**	0,844**	0,911**
Sem religião	1,284***	1,367***	1,347***
Outras religiões	0,814***	0,745***	0,843***
Católicas	1,000	1,000	1,000
Região de residência			
Norte	1,361***	1,225***	1,260***
Nordeste	0,752***	0,778***	0,922***
Sul	1,085***	1,150***	1,207***
Centro-Oeste	1,370***	1,206***	1,346***
Sudeste	1,000	1,000	1,000
Renda			
0 a 1/4 do SM	18,11***	8,591***	10,01***
1/4 a 1/2 do SM	11,79***	7,461***	9,794***
1/2 a 1 SM	8,322***	5,591***	5,915***
1 a 2 SM	4,980***	3,382***	2,852***
2 a 3 SM	2,912***	2,149***	1,553**
3 a 5 SM	1,916***	1,446***	1,02
Mais de 5 SM	1,000	1,000	1,000
Constante	0,00589***	0,0115***	0,00667***
Número de Observações	419.436	521.140	431.159

Fonte: Elaboração própria a partir do Censo demográfico de 1991, 2000 e 2010.

*** p<0.01, ** p<0.05, * p<0.1

Em relação à escolaridade, os resultados indicam que em 1991 as mulheres de 0 a 3 anos de escolaridade tinham chances cerca de 3 vezes maior (3,18) de ter tido filho recentemente em relação àquelas com 9 anos ou mais de escolaridade. Já aquelas com 4 a 8 anos de estudo apresentam 2 vezes mais chances (2,37) de ter tido filho recentemente em relação à categoria de referência. Esses resultados são muito parecidos com aqueles encontrados em 2000, os quais demonstram que as adolescentes com baixa escolaridade (0 a 3 anos de estudo) também apresentam chance quase três vezes e meia maior (3,38) de ter tido filho recentemente se comparadas com aquelas de 9 anos ou mais de escolaridade. Comparando com a mesma categoria os resultados indicam que aquelas com 4 a 8 anos de escolaridade apresentam mais de duas vezes chances (2,46) de ter tido filho no ano anterior. O mesmo modelo ajustado para o Censo de 2010 demonstra que aquelas que tinham de 0 a 3 anos de escolaridade tinham 2,45 vezes maior chance de ter tido filho recentemente em relação à categoria de referência. Por fim, as adolescentes com 4 a 8 anos de escolaridade apresentaram quase três vezes maior chance (2,99) de ter tido filho recentemente se comparado com o grupo de 9 anos ou mais de escolaridade.

O modelo que estima a chance de ter filho no último ano (Tabela 6) indica que a fecundidade das adolescentes das categorias de cor/raça (preta, parda e outras raças) são em sua maioria diferentes daquelas que se declaram brancas. Sobre essa variável também mostram os resultados que na grande maioria das vezes as adolescentes autodeclaradas pretas, pardas e de outras raças apresentam menor chance de ter filho se comparadas com as brancas. Apenas no Censo de 2010 os resultados foram diferentes, com destaque para aquelas pardas e de outras raças que, diferentemente dos outros Censos, apresentaram maior chance de ter filho recentemente que as brancas.

Os resultados para a renda total do domicílio per capita foram em sua grande maioria significativos e indicam, como esperado, que quanto menor a renda maior a chance de a adolescente ter filho recentemente. Aquelas que vivem em domicílios com renda de até 1/4 do SM têm 18 (18,10) vezes mais chances de ter filho no ano anterior ao Censo quando comparadas com aquelas que residem em domicílios com renda superior a 5 SM em 1991. Esse valor cai para 10 vezes mais de chances em 2010, para as mesmas categorias em análise.

No caso da idade percebe-se, como esperado, que há uma associação positiva com a fecundidade e que quanto maior a idade maior a chance de a adolescente ter tido filho no ano anterior ao Censo. Todas as adolescentes com idade de 15 a 18 anos apresentam menor chance de ter filho que aquelas com 19 anos, as quais são a categoria de referência. Apenas em 2000 para aquelas com 15 anos os resultados não apresentaram significância.

A análise por religião apresenta as adolescentes católicas como categoria de referência para todas as outras religiões. As adolescentes das categorias evangélicas de missão, pentecostal, evangélicos sem denominação e aquelas de outras religiões apresentam menor chance de ter filho recentemente em relação à categoria de referência em quase todos os Censos analisados. As adolescentes sem religião apresentaram maior chance de ter filho que as católicas, enquanto não houve diferenças significativas entre as católicas e as da IURD.

A análise por religião apresenta as adolescentes católicas como categoria de referência para todas as outras religiões. As adolescentes das categorias evangélicas de missão, pentecostal, evangélicos sem denominação e aquelas de outras religiões apresentam menor chance de ter filho recentemente em relação à categoria de referência em quase todos os Censos analisados. As adolescentes sem religião apresentaram maior chance de ter

filho que as católicas, enquanto não houve diferenças significativas entre as católicas e as da IURD.

Analisando a região de residência das adolescentes descobre-se que todas as categorias apresentam comportamentos diferentes daqueles da região Sudeste, que é a referência. Aquelas das regiões Norte, Sul e Centro-Oeste apresentam maior chance de ter filho recentemente que aquelas da categoria de referência em todos os Censos analisados. Apenas aquelas da região Nordeste apresentam menor chance de ter filho recentemente se comparada com aquelas da região Sudeste.

CONCLUSÃO

Durante o período considerado neste trabalho, duas mudanças sociais e demográficas chamaram a atenção para a realização deste estudo. Primeiro, que entre 2000 e 2010 as TEF das mulheres de 15 a 19 anos também declinaram, fato que ainda não tinha sido observado nas décadas anteriores. Segundo, que na última década também se observou uma importante mudança na estrutura educacional do país. Isso devido a um amplo aumento da cobertura escolar, principalmente chegando a quase cobertura total do ensino fundamental.

O principal objetivo deste estudo foi analisar como e se a associação entre a fecundidade corrente das adolescentes e a escolaridade mudou entre 1991 e 2010. Para cumprir este objetivo estimou-se um modelo logístico binário, considerando como variável dependente a fecundidade corrente. Observou-se um aumento da chance de ter um filho nascido vivo no último ano para adolescentes com 4 a 8 anos de estudo. Em todos os Censos analisados elas apresentaram aumento da chance de ter filho recentemente quando comparado com aquelas com 9 anos ou mais de estudo, que é categoria de referência. As adolescentes com menos anos de estudo (0 a 3 anos) apresentaram leve aumento da chance de ter filhos entre 1991 e 2000. Entre 2000 e 2010, após as mudanças na cobertura educacional, elas apresentaram diminuição da sua chance de ter filho no ano anterior ao Censo. Dessa forma, os principais resultados do estudo sugerem uma piora da educação das adolescentes com 4 a 8 anos de escolaridade, principalmente entre 2000 e 2010.

Em resumo, o principal resultado deste trabalho sugere que aparentemente os diferenciais de fecundidade aumentaram no período analisado, quando comparamos as adolescentes com escolaridade média (4 a 8 anos de estudos) e escolaridade elevada (9 anos e mais). Este aumento ocorreu porque as adolescentes com escolaridade média em 2010 apresentaram maior chance de terem sido mães recentemente do que adolescentes com a mesma escolaridade em 2000. Já o grupo com escolaridade elevada manteve chances muito semelhantes nos últimos dois censos. Já os diferenciais entre os grupos com baixíssima escolaridade (0 a 3 anos de estudos) e o grupo com maior escolaridade (9 anos e mais) diminuíram. Este resultado indica que o primeiro grupo está relativamente melhor em 2010 do que estava em 2000, quando se considera a diminuição da chance de ser mãe adolescente neste período.

Diante disso, dois fatores podem ajudar a explicar os resultados encontrados neste trabalho. Primeiro, o grupo com 0 a 3 anos de estudo era muito pequeno em 2010 e pode ter características muito específicas que impeçam o acesso tanto à escolaridade quanto a reprodução. Rodriguez-Vignoli e Cavenaghi (2014a) argumentam que as adolescentes desse grupo de escolaridade podem apresentar limitações físicas ou mentais. Essas limitações podem impedir que elas estejam estudando ou que tenham filhos na adolescência ou em qualquer outro período. Esta hipótese deve ser investigada em estudos futuros.

Segundo os dados do censo de 2010, 11,72% das adolescentes com 0 a 3 anos de estudo relataram alguma incapacidade enquanto 9,29% reportaram incapacidade mental.

A segunda explicação seria uma piora generalizada da qualidade da educação das adolescentes com 4 a 8 anos de estudo, que representam razoável proporção da população deste grupo de idade em 2010. Isso porque apesar, de apresentarem mais anos de estudo, as adolescentes não tem sido capazes de modificar seu comportamento reprodutivo.

É importante salientar que os resultados deste estudo indicam que apesar do expressivo declínio da fecundidade entre as adolescentes entre 2000 e 2010, a chance de ser mãe segundo escolaridade não diminuiu entre os grupos, exceto entre adolescentes com 0 a 3 anos de estudo. Além disso, esta chance aumentou para o grupo com escolaridade média (4 a 8 anos de escolaridade). Este resultado sugere que o declínio da fecundidade adolescente no Brasil entre 2000 e 2010 não deve ser explicado pela diminuição do risco de ser mãe segundo escolaridade, mas sim pelas mudanças na composição educacional que o país experimentou na primeira década deste século.

Deve-se pontuar que este estudo contribuiu para o entendimento da relação entre fecundidade na adolescência e educação em um contexto de declínio rápido e muito recente da fecundidade adolescente no Brasil. Mesmo após mudanças na composição educacional brasileira nota-se que as adolescentes de alguns grupos de escolaridade não diminuíram sua chance de ser mãe precocemente, o que chama atenção para políticas públicas populacionais para tal grupo de escolaridade.

Por fim, estudos futuros devem ser realizados para analisar o comportamento das adolescentes de 4 a 8 anos de estudo. Como elas apresentam comportamento diferente dos outros grupos de escolaridade, suas características devem ser estudadas com vistas à tomada de decisão e planejamento de políticas públicas populacionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, J. E. D.; CAVENAGHI, S. Timing of childbearing in low fertility regime: how and why Brazil is different? In: IUSSP INTERNATIONAL POPULATION CONFERENCE, 26. 2009, Marrocos. Anais. Marrocos: International Union for the Scientific Study of Population, 2009.
- BARBOSA, A. M., Análise sociodemográfica da fecundidade de adolescentes e jovens no Brasil: 1970/2006. In: no XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, realizado em Caxambu- MG – Brasil, Outubro de 2008.
- Berquó, E.S. e Cavenaghi, S.M. Notas sobre os diferenciais educacionais e econômicos da fecundidade no Brasil. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, Rio de Janeiro, v. 31, n. 2, p. 471-482, 2014.
- _____. Tendências dos diferenciais educacionais e econômicos da fecundidade no Brasil entre 2000 e 2010. In: XIX ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS. Anais... São Pedro/SP: Abep, 2014.
- _____. Brazilian fertility regimes: profiles of women below and above replacement levels. In: XXV INTERNATIONAL CONFERENCE IUSSP. Tours, França: IUSSP, 2005.
- _____. Increasing Adolescent and Youth Fertility in Brazil: A New Trend or a One-Time Event? Paper presented at the Annual Meeting of the Population Association of America, Philadelphia, Pennsylvania, 2005a.
- _____. Mapeamento socioeconômico e demográfico dos regimes de fecundidade no Brasil e sua variação entre 1991 e 2000. In: XIV ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS. Anais. Belo Horizonte: Abep, 2004.
- Bongaarts, J. (2003). Completing the fertility transition in the developing world: The role of educational differences and fertility preferences. *Population Studies* 57(3): 321–335.
- Boongarts, John (1978), “A Framework for Analyzing the Proximate Determinants of Fertility”, *Population and Development Review*, vol. 4, N°1.
- CAETANO, A. J. O Declínio da Fecundidade e suas Implicações: uma introdução. In: André Junqueira Caetano; José Eustáquio Diniz Alves; Sônia Corrêa. (Org.). *Dez Anos do Cairo: Tendências da Fecundidade e Direitos Reprodutivos no Brasil*. Campinas: ABEP/UNITED NATIONS, 2004, v., p. 11-20.
- CARVALHO, José Alberto Magno de; BRITO, Fausto. A demografia brasileira e o declínio da fecundidade no Brasil: contribuições, equívocos e silêncios. *Revista brasileira de estudos populacionais*, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 351-369, Dezembro de 2005. Disponível

em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-3098200500020001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 18 de agosto de 2015.

CAVENAGHI, S. M.; BERQUÓ, E. . Perfil socioeconômico e demográfico da fecundidade no Brasil de 2000 a 2010. In: VI Congreso de ALAP: Dinámica de población y desarrollo sostenible con equidad, 2014, Lima. Programa Científico do VI Congreso de ALAP: Dinámica de población y desarrollo sostenible con equidad". Rio de Janeiro: ALAP, 2014. v. 1. p. 1-20.

CAVENAGHI, S.; ALVES, J. E. D. . A diversidade do comportamento reprodutivo de adolescentes e jovens no Brasil. In: X Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos - X ENABER., 2012, Recife. Anais do X ENABER. São Paulo: ABER, 2012. v. 1. p. 1-18

_____. Diversity of childbearing behaviour within population in the context of below replacement fertility in Brazil. In: Expert Group Meeting on Recent and Future Trends in Fertility, New York. Expert Group Meeting on Recent and Future Trends in Fertility. New York: United Nation, 2011.

_____. Fertility and contraception in Latin America: historical trends, recent patterns. In: CAVENAGHI, Suzana. (Org.). Demographic transformations and inequalities in Latin America: Historical Trends and Recent Patterns. 1ed. Montevedeo: ALAP, 2009, v. 5, p. 161-192.

DAVIS, K.; BLAKE, J. (1956), "Social structure and fertility: an analytic framework", Economic and cultural change, vol. 4, N°2.

DICESARE, M.; RODRÍGUEZ, J. (2006), "Análisis microdelos determinantes de la fecundidad adolescente en Brasil y Colombia", Papeles de Población, Toluca: Universidad Autónoma del Estado de México, N° 48, pp. 107-140.

FRANÇA, M. B.; MIRANDA-RIBEIRO, P.; LEITE, I.C. Iniciação Sexual e Reprodutiva na Adolescência em Belo Horizonte e Recife, 2002. In: XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, realizado em Caxambu – MG – Brasil; 2008 set 29-out 3; Caxambu; 2010.

GUPTA, N.; LEITE I.C. Leite, 1999, "Adolescent fertility behavior: trends and determinants in northeastern Brazil", en International Family Planning Perspectives, 25(3).

HENRY, Louis. 1953. Fecondité des Mariages: Nouvelle Méthode de Mesure. Travaux et documents de l'INED, Cahier No 16. Paris.

LEITE, I. C., RODRIGUES, R. N., & FONSECA, M. C. (2004). Fatores associados com o comportamento sexual e reprodutivo entre adolescentes das regiões Sudeste e Nordeste do Brasil. Cadernos de Saúde Pública, 20(2).

LONG, J. S. Regression models for categorical and limited dependent variables. Thousand Oaks: SAGE, 1997. 296 p. (Advanced quantitative techniques in the social sciences series; 7.)

MIRANDA-RIBEIRO, P.; LONGO, L.; FERREIRA DE BARROS; RIOS-NETO, E. L. G.; POTTER, J. E. Fecundidade na adolescência e religião em Belo Horizonte: um primeiro exercício. *Revista Brasileira de Estudos de População (Impresso)*, v. 26, p. 305-308, 2009.

MIRANDA-RIBEIRO, A.; GARCIA, R.A. Transições da Fecundidade no Brasil: uma análise à luz dos diferenciais por escolaridade. *ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS*, 18, Caxambu, MG, 2012. Anais... Belo Horizonte: ABEP.

Martine G. Brazil's fertility decline, 1965-95: a fresh look at key factors. *Popul Dev Rev* 1996; 22:47-75.

Minnesota Population Center. Integrated Public Use Microdata Series, International: Version 6.4 [Machine-readable database]. Minneapolis: University of Minnesota, 2015.

MADEIRA, F. (2006), "Educação e Desigualdade no Tempo de Juventude", In CAMARANO, A. A. [org], *Transição para a Vida Adulta ou Vida Adulta em Transição?* MARTIN TC e JUAREZ F, Women's education and fertility in Latin America: exploring the significance of education for women's lives, trabalho apresentado na 22a conferência geral da International Union for the Scientific Study of Population (IUSSP), Montréal, Canadá, 24 de agosto–1 de setembro, 1993.

PRESTON S.H., HEUVELINE, P. e GUILLOT M. (2000): *Demography: Measuring and Modeling Population Process* – Blackwell Publishers – Massachusetts.

PRESSAT, R. *Demographic analysis*. Chicago: Aldine Atherton, 1972.

RIOS-NETO, E. (2005), "Questões Emergentes na análise demográfica: o caso brasileiro", *REBEP*, V. 22, N.2.

RODRIGUEZ-VIGNOLI, J.; CAVENAGHI, S. Adolescent and youth fertility and social inequality in Latin America and the Caribbean: what role has education played? In: *IUSSP INTERNATIONAL POPULATION CONFERENCE*. 2013, BUSAN. Anais. Korea: International Union for the Scientific Study of Population, 2013.

_____. Adolescent and youth fertility and social inequality in Latin America and the Caribbean: what role has education played?. *Genus (Online): journal of population studies*, v. 70, p. 1-25, 2014.

_____. Reproducción en la adolescencia: el poderoso y complejo efecto de la educación. In: *VI Congreso de ALAP: Dinámica de población y desarrollo sostenible con equidad*, 2014, Lima. Programa Científico do VI Congreso de ALAP: Dinámica de

población y desarrollo sostenible con equidad". Rio de Janeiro: ALAP, 2014a.

_____. Maternidad adolescente en América Latina: el complejo, significativo y cambiante papel de la educación. 2014. Disponible em: http://www.alapop.org/Congreso2014/DOCSFINAIS_PDF/ALAP_2014_FINAL224.pdf.

RODRÍGUEZ-VIGNOLI, J. Fecundidad Adolescente en América Latina: una actualización. In: Comportamiento reproductivo y fecundidad en América Latina: una agenda inconclusa. Capítulo 2. 2014. Serie e-Investigaciones N. 3.

_____. La reproducción en la adolescencia y sus desigualdades en América Latina. 2014a. Introducción al análisis demográfico, con énfasis en el uso de microdatos censales de la ronda de 2010, serie Documentos de proyecto, Santiago: CEPAL, en: <http://www.cepal.org/publicaciones/xml/3/53373/Lareproduccionenlaadolescencia.pdf>, acceso 19 de febrero de 2015.

_____. (2008). "Reproducción en la adolescencia en América Latina y el Caribe: Una anomalía a escala mundial?", em Wong, L. L. R (org.) Población y Salud Sexual y Reproductiva en América Latina. ALAP, Serie Investigaciones N. 4, Rio de Janeiro, pgs 155-191.

SILVA, NV, Henriques MH e de Souza A, An analysis of reproductive behavior in Brazil, Demographic and Health Surveys Further Analysis Series, No. 6, São Paulo, Brasil, 1990.

STOVER, J. (1998), "Revising the Proximate Determinants of Fertility Framework: What Have We Learned in the past 20 Years?", Studies in Family Planning, vol. 29, N°3.

UNITED NATIONS, Department of Economic and Social Affairs, and Population Division. Adolescent fertility since the International Conference on Population and Development (ICPD) in Cairo. United Nations, New York; 2013

WONG, L. L. R. Evidences of further fertility decline in Latin America – Reproductive behavior and some thoughts on the consequences on the age structure. In: INTERNATIONAL POPULATION CONFERENCE, 26, 2009, Marrakech. Anais... Marrakech, IUSSP, 2009, 1-33 p.